

RENATE ROHKOHL DIETRICH  
Alameda Duque de Caxias, 90



# Blumênau *em Cadernos*

TOMO IX ★ — OUTUBRO DE 1969 — ★ — Nº. 10



A LOJA MAIS FEMININA  
DA CIDADE DE BLUMENAU

**TECIDOS E CONFECÇÕES DESDE 1891**

**BLUMENAU — Rua 15 de Novembro, 701 — S. C.**

PERFUMARIAS — MEDICAMENTOS

**PROCURE**

**S U A F A R M A**

**A MAIS TRADICIONAL**

**LAQUÊ BLUMEN**

O fixador perfeito para o seu cabelo



# Blumenau

## em Cadernos

TOMO IX ★ — OUTUBRO DE 1968 — ★ — Nº. 10

## BLUMENAU NA PRIMEIRA EXPOSIÇÃO

*J. Ferreira da Silva*

Em 1866, a Colônia Blumenau não tinha muito mais que 2.700 habitantes. Seu território não estava povoado senão em parte mínima. E o Brasil estava em guerra contra o Paraguai. Daqui mesmo, de Blumenau, 76 colonos haviam partido, no ano anterior, para os campos de batalha, desfalcando de braços eficientes a incipiente agricultura do estabelecimento. Mesmo assim, na capital da Província, organizou-se uma exposição agrícola-industrial que deveria ser aberta, como de fato foi, a 15 de agosto daquele mesmo ano. Circulares foram enviadas a todos os recantos habitados da Província, às sedes dos municípios, distritos e colônias, no sentido de que se fizessem representar, expondo produtos das respectivas regiões. Como não poderia deixar de ser, uma circular também foi dirigida à direção da Colônia Blumenau. Era, então, diretor da Colônia o Sr. Hermann Wendeburg. O diretor efetivo, Dr. Blumenau, encontrava-se na Alemanha, encarregado pelo governo imperial da propaganda do Brasil naquele e noutros países europeus, visando à intensificação da emigração para cá. A Comissão organizadora da Exposição foi nomeada por ato do presidente da Província de 22 de janeiro e a abertura devia dar-se a 29 de julho. Entretanto, só em 15 de agosto foi inaugurado o certame com a presença do Presidente da Província, membros da comissão, autoridades e grande número de populares. Discursou o presidente da Comissão Organizadora que, afirmando ser aquela a primeira exposição que se realizava na Província, justificava a deficiência de muitos dos setores e ajuntava: "As riquezas naturais do solo não estão representadas suficientemente; a agricultura e a indústria avultam em suas provas, de harmonia com a índole da população; as artes puderam ter mais vasta e perfeita mostra. As colônias, êsses núcleos de população onde novos irmãos nossos vieram encontrar uma pátria amiga e carinhosa, acudiram pressurosos aos reclamos do país; os centros de população de origem estrangeira, figuram em primeira linha na nossa exposição, êles já trazem para a nova pátria um fundo de progresso que lhes prestou a pátria primitiva e já conhecem de experiência a nobreza destas festas". Depois, falou o presiden-



te da Província, que começou o seu discurso de forma bombástica: "O Imperador Napoleão II, abrindo solenemente a exposição internacional, de 1855, quando a guerra do Oriente atingia o período de maior desenvolvimento, denominou o palácio dos Campos Elíseos, templo da paz, que convidava a todos os povos à concórdia".

E por aí ia, assegurando "que a primeira exposição de Santa Catarina dá uma idéia altamente lisonjeira, pôsto que incompleta, do estado de adiantamento e da índole industriosa dos seus filhos". Essa exposição era preparatória da representação do Brasil na Exposição Internacional que se realizou em 1867 em Paris e na qual Blumenau fez magnífica figura, conquistando um prêmio de 10.000 francos em dinheiro, medalha de ouro e vários diplomas e menções honrosas. A êsse respeito, ainda temos muito que contar. E como se tratava da primeira exposição realizada na Província, foi preciso que, na sua organização, a Comissão tivesse cuidado de "fazer compreender quanto era geral e despida de privilégios a índole da Exposição e, sobretudo, procurou insistentemente convencer de que não se tratava de colecionar objetos raros e esquistos, nem ostentar vaidosas perfeições expressamente preparadas, mas sim, alcançar reunidos e pôr em termos de comparação os produtos naturais de aproveitamento indicado e a obra de arte, da indústria e da lavoura, tais quais elas são e se apresentam, para dêsse modo se ter idéia justa do estado do seu adiantamento, do progresso que vão, periódicamente, experimentando e estudar o aperfeiçoamento possível nos trabalhos físicos e intelectuais dos povos". Era isso que diziam as explicações da Comissão Organizadora, que as rematava com a afirmação de que o certame era "um simples ensaio, uma experiência, uma amostra de como são feitas as exposições, inteiramente desconhecidas na província". Acompanhem a descrição que a Comissão fez no seu Relatório de como se achava o recinto da Exposição: "As duas salas principais eram ocupadas pelos objetos expostos. Na primeira e menor achavam-se reunidos os tecidos, na outra dispostas em volta, em armários, e sôbre uma dupla mesa corrida ao longo do salão os demais objetos. Procurando a Comissão reunir por um sistema e metódicamente distribuir os produtos expostos, viu-se em invencível embaraço, porque onde a coleção era mais completa minguava-lhe o espaço e disposição de acomodação e sobrava espaço no ponto em que apenas indicada a classe não se podera deixá-lo vazio por a contingência da localidade. O volume diverso e disparatado dos objetos de um mesmo grupo fizeram muitas vezes dividi-lo; a multiplicada diversidade de procedência e qualidade de um mesmo produto, novos embaraços trazia para a colocação em uma sala de que convinha não perder um palmo; a má disposição da casa fez até que fossem apresentadas as pinturas sob péssima luz, a qual em geral era pouca. Apenas um pequeno corredor circulando a sala dava lugar aos visitantes, dois a dois. Nestas condições, alcançar a dupla exigência da classificação e da elegância era impossível. Mas se não obteve tanto a Comissão, apresentou ao menos os objetos de um modo que agradando a vista pelo arranjo, deixava com tôda a facilidade percebê-los e examiná-los. Coligir sôbre cada uma classe sequer, a notícia circunstanciada da sua proveniência, preparação, apresentação e extração no mercado: o exame e estudo dos melhoramentos a introduzir nesses trabalhos, toram apreciações que neste lugar caberiam e por certo entrariam, se acaso a falta de instruções nesse sentido da parte dos expositores, e incompleta amostra que resultou desse ensaio, não houvessem impossibilitado a comissão de seguir os seus desejos em tal estudo. Estamos



seguros que já em outra exposição facilmente se conseguirão os dados que desta vez faltaram. Percorrendo o Catálogo, se vê quanto ficou insuficiente a amostra. Logo se percebe que a riqueza natural do país não foi apresentada; as artes, conquanto seu atraso seja sensível, por não serem todas conhecidas e pela sua imensa variedade, puderam figurar para grande aproveitamento seu e bem visível fica a mesquinhez de concorrência. A indústria quase primitiva tem, entretanto, um cunho especial que quizemos fôsse patenteadado. Entretanto ela não figurou. Sòmente a agricultura, a lavoura antes, teve em mais larga escala a sua representação". Veremos, em outra crônica, novos detalhes da primeira exposição agrícola realizada em Santa Catarina, com a qual os nossos antepassados iniciaram uma série de mostras que pelos anos adiante, foram a evidência do quanto êles fizeram para engrandecer a nossa terra e fazer o bem estar da sua gente.

---

---

## Logradouros Blumenauenses na Obra de Fritz Müller

Fritz Müller viveu em Blumenau, desde 1852, ano em que imigrou, até 1897, quando faleceu com 75 anos de idade, pois nascera em 1822.

Aqui e na capital da Província, então Destêrro, êle realizou quase tôda a sua numerosa e importante obra científica que o seu sobrinho, Alfredo Moeller, também um sábio, reuniu em 5 alentados volumes, publicados pela editôra de Gustav Fischer, em Jena, cidade universitária, ora na Alemanha Oriental.

A maioria dos trabalhos de Fritz foram publicados em revistas especializadas da Europa. Eram escritas, principalmente, em alemão e inglês, línguas que o sábio dominava perfeitamente, além do português, do latim, do italiano e do francês.

Tendo, entretanto, entrado, em 1876, para o funcionalismo do Museu Nacional do Rio de Janeiro, como naturalista viajante, Fritz teve, naturalmente, que fazer os seus relatórios periódicos em português e atender, também a solicitação de Ladislau Neto, diretor daquele Museu, que lhe pedia colaboração para os "Arquivos". Já no segundo número dessa revista, Fritz Müller figura com nada menos de quatro artigos sôbre borboletas, principalmente sôbre os órgãos odoríferos de que os lepidópteros são dotados.

Para o número frês, Fritz Muller mandou um interessante estudo sôbre as casas construídas pelas larvas dos insetos tricópteros. Êstes são uma sub-ordem de insetos nevrópteros, de asas cobertas de pêlos e de escamas e que são considerados os ancestrais dos lepidópteros, ou borboletas. As suas larvas desenvolvem-se à beira dos ribeiros e lagos e, metidos numa bainha, arrastam pelo fundo d'água. Essa bainha sedosa é reforçada com restos de plantas, de conchas, de sementes, etc. São de diferentes tamanhos e formas.

Fritz Müller encontrou nos rios e ribeirões próximos à então Vila de Blumenau grande variedade de larvas d'esses insetos e estudou-as demoradamente, descobrindo algumas espécies ainda não classificadas e a uma das quais êle batizou de "Diaulus Ladislavii" em homenagem ao seu chefe, Ladislau Neto, a quem êle devia o emprêgo.

Mas, não foi para falar dos insetos e, sim dos lugares em que muitos d'êles foram encontrados, que nos pusemos a escrever estas linhas.



Realmente, descrevendo o habitat de muitas das larvas, Fritz faz referências a locais e rios que, hoje, são conhecidos por outras denominações. Êle, por exemplo, descrevendo os casulos de Riacoílídeas, afirma tê-los encontrado em abundância no Ribeirão dos Bugres. Êsse ribeirão não é outro senão o conhecido, atualmente, por Ribeirão das Cabras, por cujo vale passa a atual Rua Pedro Krause Sênior.

Encontrou dessas e de outras larvas também na Gruta dos Macacos. Foi por essa denominação que êle traduziu o que, então, era conhecido por "Affenwinkel" que, literalmente, quer dizer: "Canto dos Macacos". Êsse local não é outro senão o vale do Ribeirão Fresco, ou melhor, a atual Rua Pastor Hesse. Realmente, desde a criação da Colônia até bem próximo dos nossos dias, aquele recanto era mais conhecido pelo nome de "Affenwinkel", ou, então, pelo de "Kuehler Grund", que quer dizer "solo fresco". Daí também nasceu o nome do Ribeirão, pelo qual é conhecido até hoje.

Em outra parte do seu artigo, Fritz Müller descreve casulos encontrados na "Triste Miséria", ou, em alemão, "Trauriger Jammer". Confessamos que, a princípio, a coisa intrigou-nos. Mas logo pudemos identificar o local e o ribeirão.

Realmente, até há bem poucos anos atrás, quando a maior parte da população ainda e de preferência falava a língua dos primeiros colonizadores, o vale que depois ficou mais conhecido por Bom Retiro, era chamado de "Jammental", ou seja "Vale da Miséria". E, certamente, no tempo de Fritz Müller êle era conhecido por "Trauriger Jammer", ou "Triste Miséria". E o ribeirão necessariamente sofria a influência, ou melhor, dava denominação ao Vale que, hoje, é um dos mais belos e nobres da cidade.

Foi, assim, no Ribeirão Bom Retiro, que Fritz Muller encontrou muitas das espécies de tricópteros, cuja descrição encheu várias páginas dos "Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro", n.º 3, de 1878.

Outros ribeirões citados, como o de Garcia, do Jordão, etc., ainda hoje conservam os nomes que ostentavam na época do grande sábio.

Êstes, como aqueles que perderam os nomes feios com que os colonos os haviam batizado, ainda atravessam a cidade que Fritz Muller ajudou a fundar e a se desenvolver. Mas, se neles ainda vivem larvas de tricópteros é de duvidar. Os resíduos das fábricas que são lançados nesses cursos d'água devem ter dado cabo delas. A não ser que aquelas larvas, como acontece com os germes de muitas doenças que estão se tornando resistentes aos antibióticos, também encontrem, nesses próprios resíduos, elementos de resistência cada vez maiores e mais poderosos.

Porquê algum dos muitos amantes da história natural, que temos entre nós, não se dedica em reproduzir as experiências de Fritz Muller, procedendo ás investigações, às observações em que êle tanto se comprazia e com as quais nos legou tantos e tão úteis ensinamentos científicos?

---

A quatro de outubro de 1909, em uma casa modesta, anexa ao Colégio das Irmãs, o Hospital Santa Isabel, tendo como médico diretor o Dr. Ernesto Sapelt.



## BADENFURT

A revista alemã "Das Echo", em seu número 1.202, de 14 de setembro de 1905, pag. 2 914, publicou o seguinte sob o título "Comunidade Evangélica de Badenfurt, Colônia Blumenau em Santa Catarina: "Há pouco mais de dois anos, o "Echo" publicou fotografias das igrejas unidas evangélicas de Badenfurt, na colônia alemã de Blumenau em Santa Catarina, sul do Brasil. Hoje seguem as fotografias de algumas das 21 escolas da Comunidade. As fotografias foram encomendadas pelo pastor Bunte e tomadas pelo fotógrafo H. Wallbröhl durante a realização dos exames anuais. A simplicidade dos quadros proporcionará, certamente, aos amigos da "Jovem Alemanha no Exterior" alguma alegria; isso é juventude alemã, nascida embora sob o sol ensolarado do Brasil, mas alemã na origem, na língua e nos costumes. As fotografias também podem testemunhar os sacrifícios e as renúncias que os colonos, em geral de poucos recursos financeiros, fazem para fundarem com os seus próprios recursos as escolas para seus filhos. Como foi pequeno e simples em geral o comêço da idéia um documento sôbre a fundação da Escola na povoação de Badenfurt, do qual extraímos este trecho: "O povoamento do Vale do Teste (Teste, afluente do Itajaí. Êste é o rio principal que atravessa a colônia Blumenau) começou no ano de 1891 com seis famílias de Baden, motivo porque o lugar passou a chamar-se em sua honra, de "Badenfurt" (Passo dos Bandenses). Então tudo ainda era floresta virgem; não havia caminho pelas margens do rio e só alguns raros madeiros a haviam atravessado. Os imigrantes tinham que passar por uma miserável picada até chegarem aos seus lotes, levando tantos dias para lá chegarem, desde a povoação de Blumenau, quantas hoje se levam horas. A travessia do Itajaí (que hoje é feita numa boa balsa) era feita em uma canoa dirigida por soldados brasileiros que ali estacionavam com êsse fim. Com a chegada de novos imigrantes de Holstein, Pomerânia e Luxemburgo, chegou-se no ano de 1866 em condições de fundar uma sociedade escolar, pois 45 pais de famílias prontificaram-se a participar dela como sócios. Êles construíram a escola quase que exclusivamente às suas custas e a mesma pôde ser inaugurada a 6 de fevereiro de 1867 pelo primeiro e então único pastor existente na colônia. O primeiro professor foi o sr. Reynoldo Freygang, a quem devemos também o documento, o qual êle encerra com êste verdadeiramente patriótico anseio: "Saibam todos cumprir com o seu dever de honrar a sua formação e os seus costumes alemães, a fim de que nossos descendentes sejam dignos representantes do nobre tronco germânico..." Também a escola de Weissbach começou pequena e simples. O sr. Augusto Müller, irmão do célebre e conhecido naturalista Fritz Muller, que viveu e morreu aqui em Blumenau, começou a ensinar em sua casa de Weissbach, alguns meninos em conjunto com os seus filhos. Mais tarde ali também foi fundada uma sociedade escolar, adquirindo-se um bom terreno de 50 morgos e construindo-se uma casa de escola, sendo o sr. Müller o seu primeiro professor, o qual a dirigiu por 26 anos seguidos.

---

A quatro de outubro de 1930, chega a Blumenau a notícia do levante no Rio Grande do Sul, de que resultaria a queda do Presidente Washington Luiz e a implantação de uma ditadura no país, sob a chefia de Getúlio Vargas.



# AVIAÇÃO SEM MOTOR

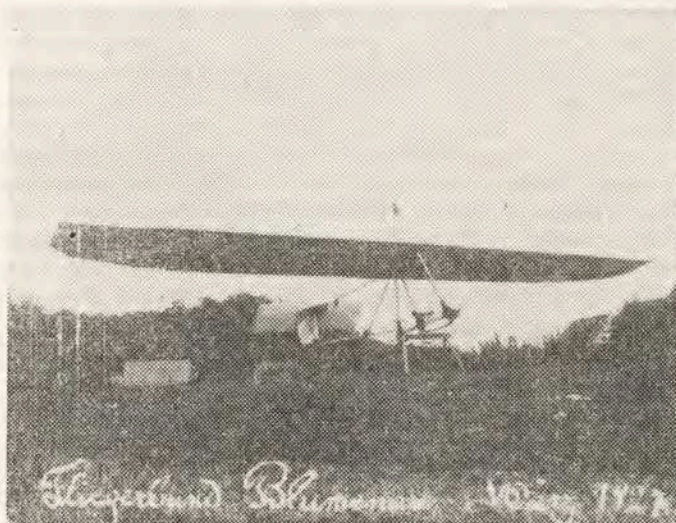
Em nossa edição passada, n.º 9 dêste Tomo de "Blumenau em Cadernos", demos notícias pormenorizadas da fundação e atividades da "Fliegerbund Blumenau", que construiu o primeiro planador brasileiro, o "Phoenix".

Mas, não foi essa a única experiência no campo da aviação sem motor, levada a efeito em Blumenau e nem aquela foi a única sociedade aqui fundada para cuidar de tão palpitante e tentador assunto na época. Em fins de 1936 ou princípios de 1937, outros moços entusiastas da "planação" fundaram o "Segelfliegergruppe Blumenau" (Grupo de aviadores planadores). Foi seu presidente o sr. Rudolf Frisch, funcionário da Casa Hoepcke. Mas o inspirador do movimento e o fundador do Grupo foi o engenheiro alemão Roberto Knall, que viera a Blumenau para instalar os fornos elétricos da Eletro-Aço Altona, a importante firma de fundição de Itoupava Sêca e aqui permanecera enquanto duraram os trabalhos daquela montagem. Participavam do Clube, como sócios ativos e entusiastas os snrs Kreutzer, Windisch, Gernhardt e outros.

O sr. Fritz Reimer, a quem devemos grande parte das informações aqui registradas, servia como Secretário.

O Grupo passou a trabalhar ativamente na marcenaria de Willy Manteufel, construindo um planador para instrução, tudo com ferramentas primitivas, como canivetes, limas, formões etc.

Para fazê-lo voar, emprestou-se o cabo de distensão, que pertencera à "Fliegerbund", a que construía, em abril de 1927, conforme dissemos no "Caderno" anterior, o planador "Phoenix". Infelizmente, êsse cabo já estava em tal estado de conservação que não mais poderia ser utilizado.



A fotografia ao lado foi publicada no número anterior dêstes "Cadernos", como sendo dos rapazes da «Fliegerbund Blumenau», quando, na realidade o é dos sócio do "Segelfliegergruppe Blumenau", com o primeiro avião pelos mesmos construído na marcenaria de Willy Manteufel, avião que, ao irromper a segunda guerra mundial a Prefeitura Municipal recolheu aos seus depósitos.

Resolveu-se, então, importar outro cabo, diretamente da Alemanha. De fato, pouco tempo depois, a encomenda chegava ao porto de Itajaí. Mas os direitos alfandegários eram tão altos, que não só ultrapassavam o valor do



custo do cabo, como a importância de que o Grupo poderia dispôr. Por essa razão foi o cabo abandonado na aduana itajaiense que lhe deu fim que ignoramos.

O avião construído era, como já frisamos, apenas de instrução e não para vôos demorados. E, enquanto não vinha o cabo encomendado e nem estavam ultimados os preparativos para o lançamento do planador, o Grupo resolveu não se manter inativo. Assim, deu-se logo comêço a um outro planador, mais avançado, que embora servisse unicamente para treinos, poderia ter um raio de vôo mais amplo.

Veio, entretanto, a segunda guerra mundial e as atividades do Grupo foram proibidas. E, por cúmulo da má sorte, a marcenaria de Willy Manteufel foi destruída por um incêndio, perdendo-se todo o seu acêrvo, inclusive o segundo avião que estava sendo construído. Por sua vez, por ordem das autoridades militares, a Prefeitura fêz recolher aos seus depósitos o primeiro avião que ali teve o seu fim.

A fundação do "Segelfliegergruppe Llumenu" verificou-se em reunião havida na Varanda do Hotel Seifert (que existiu no local onde atualmente se levanta o magnífico Edifício Catarinense) e onde, também, foram feitas as primeiras reuniões da Sociedade.

No artigo, sob a mesma epígrafe dêste, publicado no número anterior desta revista, reproduzimos uma fotografia de sócios do Grupo, como sendo da Sociedade que construiu o planador "Phoenix". Tornamos a publicar êsse clichê nesta página, fazendo, assim, a devida e necessária retificação.

Ainda voltaremos a êste tão importante assunto, num artigo de autoria do Sr. Fritz Reimer e que, por falta de espaço, não pôde figurar neste número.

## — BLUMENAU EM CADERNOS —

*Fundação e direção de J. Ferreira da Silva*

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) NCr.\$ 3,00 —

Redação e Administração: Alamêda Duque de Caxias, 64

**Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil**

# REMINISCÊNCIAS

H. P. ZIMMERMANN

Escrever reminiscências, sempre desperta em nós um pouco de nostalgia. Nossos pensamentos voltam a um passado já tão distante, passado que o tempo em sua voragem implacável não consegue extinguir em nossa mente, reminiscências que revivem em nosso espírito um mundo de imagens que nos confortam e fortalecem a alma, mas que também provocam em nossos corações sentimentos de dor e de saudades dos entes que nos foram caros, com quem convivemos e de quem dependemos na nossa fraqueza de jovens ainda em formação física e moral. Reminiscências povoam a nossa mente com pensamentos que nos transportam a fazer da infância despreocupada, uma mística de desva-  
neios como esta que o poeta gravou em versos de ternura:

Recordar é viver,

transformar num sorriso

o que dos fêz sofrer.

Recordar dentro d'alma uma idade passada,

como em capela de ouro há cem anos fechada

onde não vai ninguém, mas há festa ainda.

É dentro desta mística, que estou escrevendo as reminiscências de quando ainda muito jovem, vivi os meus dias em Gaspar. Quando escrevo, parece-me sentir a meu lado a presença de tôdas aquelas pessoas que lá viveram, as que me eram muito queridas, as com quem eu mantinha relações de amizade, as com quem eu convivi, as que eu simplesmente conhecia. Tôdas essas pessoas, parece, que me estão soprando ao ouvido: "Fale dêste ou daquele fato; não esqueça isto ou aquilo". Assim, na medida que ouço estas vozes misteriosas mas tão conhecidas e tão familiares, vou transportando para o papel o que me sopram aos ouvidos, vou fixando cousas do passado que os historiadores não fixaram em suas crônicas. Certamente não estou escrevendo "história", mas o que escrevo, amanhã poderá dizer aos jovens de hoje, o que foi a nossa pequena e tão encantadora pátria, o torrão onde nascemos, como foi a sua gente simples, porém, boa e sem outras pretensões do que as de bem servir à sua pátria como homens e como cidadãos, de criar os seus filhos dentro do espírito cristão e dos princípios da dignidade humana e de cuidar carinhosamente de suas famílias. Refletindo bem, parece-me que os chefes de família daqueles tempos, embora os seus métodos patriarcais hoje pareçam antiquados e superados por outros mais modernos, consideravam a educação de seus filhos como missão principal de suas vidas. Sacrificavam-se para oferecer a seus filhos, o que estava a seu alcance em instrução e em formação e lamentavam, não poder oferecer-lhes mais neste sentido. Tínhamos poucas escolas, mas os pais, os meus e os de meus companheiros de infância, faziam-nos frequentá-las do comêço ao último ano. E mais, ensinavam seus filhos a trabalhar, aproveitar com alguma ocupação útil as suas horas de folga ou as suas férias, mas sempre cuidando também, que lhes sobrasse algum tempo para brincar e se divertir.



Admiráveis eram, também, as mães, que não mediam sacrifícios para bem cuidar de seus lares e de seus filhos. Trabalhavam muito, mas sempre lhes sobrava tempo para cuidar de seus filhos, orientando-os e aconselhando-os em tôdas as suas pequenas dificuldades e incutiam no espírito de seus filhinhos, o respeito pela vida e pelo próximo. Abominavam tudo o que era mau e faziam ver a seus rebentos, que ninguém algum dia seria um homem verdadeiro, sem desenvolver o caráter, a personalidade, senso de honestidade e da dignidade. Neste sentido, o respeito pelos mais idosos, pelos fracos e pelos desamparados, ocupavam lugar de destaque na educação que ministravam a seus filhos. Não se diga, porém, que os meninos e as meninas de meu tempo de infância não eram também traquinas e rebeldes, mas tudo isto dentro dos limites do tolerável, porque, qualquer transposição destes limites, era reprimido com bondade, porém com muita firmeza e com uma constância que a muitos de nós, os meninos daqueles tempos longínquos, imunizou para tôda vida, contra o cometimento de erros graves e da contração de vícios que constituem os grandes perigos dos jovens em formação. Mas, o essencial é, que vivíamos uma juventude feliz e despreocupada, felizes com aquilo que possuíamos e mais felizes ainda, quando qualquer coisa de extraordinário ocorria para nos alegrar ou para nos proporcionar a vivência de acontecimentos inesperados. E, quanta coisa havia, naqueles tempos, que vinham inesperadamente, para nós completamente inéditas, que nos pareciam admiráveis e extraordinárias, como as que passarei a narrar.

Certo domingo, quando vínhamos retornando da igreja, onde assistimos missa, passando em frente a uma casa comercial, ouvimos os sons de uma vibrante marcha militar. Mas, onde estava a banda que tocava tão bonita marcha? A música vinha do interior da sala de visita da casa do comerciante, já repleta de gente e com as suas janelas tomadas pelos curiosos. Esgueirando-me por aqui e por ali, consegui entrar na sala. Qual não foi meu espanto quando deparei com uma caixa de madeira polida, colocada sôbre uma mesa, da qual saía um funil em forma de uma grande tulipa, da qual procediam as maravilhosas melodias. Olhando melhor, vi também, que sôbre a caixa girava um disco preto sôbre o qual deslisava um braço de metal que terminava numa fina agulha. Aquilo, a mim e aos outros meninos, causou um verdadeiro espanto e não nos cansamos de admirar o aparelho que emitia músicas como a de uma grande banda de músicos. Foi meu pai que me explicou, que aquilo era um gramofone e me disse também, como é que êle funcionava. Êste foi o meu primeiro encontro com o grande invento de Thomaz Alva Edison, nome que devia voltar à minha mente quando, pela primeira vez vir brilhar a luz de uma lâmpada elétrica. Muitas vêzes voltei à casa do comerciante para ouvir a música que saía do bonito aparelho. Hoje, ouço o rádio ou quando estou sentado frente o televisor, relembro com saudade e meu primeiro encontro com o gramofone, aquêl instrumento primitivo que a nós meninos, parecia ser a super essência das maravilhas. Mas, também penso, em tudo o que a técnica em tempo relativamente curto desenvolveu, transformando o ingênuo mundo da minha infância num grande laboratório das mais arrojadas experiências e produzindo engenhos que já não só se movem na terra, mas também já invadem o infinito do espaço sideral.

Outro acontecimento que me deixou irradiante de alegria, foi, quando pela primeira vez assistí a uma sessão de cinema. O mesmo Snr. F. G. Busch, do qual falei quando me referí ao meu primeiro encontro com um automóvel, veio a Gaspar para mostrar aos gasparenses o que era o cinema. Num salão de danças, bem no centro da cidade, instalou os seus aparelhos e convidou o



povo para assistir a uma sessão de cinema. O salão encheu de gente, curiosa de conhecer mais esta maravilha da técnica. Não fui à primeira sessão, porque meus pais que foram assisti-la queriam, antes de levar os filhos, verificar se era ou não conveniente levá-los. No domingo seguinte, fui levado para assistir a sessão cinematográfica. Estava febril, de tanta curiosidade, porque o que eu havia ouvido falar daqueles que foram ao cinema, fez-me imaginar cousas maravilhosas. Quando chegou o dia em que devia pela primeira vez ir ao cinema, não podia esperar que anoitecesse e fiquei seriamente apreensivo, quando à tarde ocorreu uma forte trovoada com abundante chuva. Temia, que em virtude disso não houvesse sessão de cinema naquele dia. Mas, o Snr. Busch viera a Gaspar antes da chuva, instalou os seus aparelhos no salão, colocou o motor gerador de energia elétrica no porão do salão e à noite exibiu os seus filmes. Finalmente chegou o grande momento: no salão apagaram-se as luzes e na tela colocada no fundo do salão começaram a movimentar-se figuras um tanto apagadas, porém bem perceptíveis em seus movimentos. Faziam cousas incríveis, andavam, dançavam e corriam, tudo isto como uma movimentação hética e sem nexos. Assim mesmo, achei tudo muito bonito e lamentei muito, que apenas tivessem exibidos alguns poucos filmes. Aliás, todos os que foram a essa sessão de cinema, acharam tudo muito bonito. Sabem quanto custava um ingresso de cinema naquele tempo? Apenas quinhentos réis, ou sejam cinquenta centavos antigos. Assim mesmo, muitos achavam caros os ingressos a este preço, para uma sessão que durava apenas uma hora e que fôra interrompida várias vezes por rompimento das fitas ou por enguiço do motor. A música que acompanhava a sessão, era tocada numa gaita argentina, ou seja o bandoneon.

Algum tempo mais tarde, Gaspar foi sacudido com a notícia; de que um navio de guerra alemão, o "von der Tann", viria em visita a Santa Catarina e que Blumenau também seria visitado. Ninguém sabia ao certo como aquilo seria, se a belonave subiria o rio até Blumenau, ou não. Um dia chegou a notícia; o navio chegou e ancorou frente a barra do rio, em Itajaí, mas que os marujes viriam a Blumenau, transportados pelos vapores "Blumenau" e "Progreso", que rebocariam lanchas. Naturalmente, como sempre acontecia, essas embarcações fariam escala em Gaspar, por isso, a começar das primeiras horas da tarde, muita gente começou a aglomerar-se na pequena área do pôrto fluvial e a apinhar-se nas imediações do mesmo. Eram mais ou menos três horas da tarde, quando apareceu perto da ilha uma curiosa embarcação, que se aproximava rapidamente do pôrto. Foi uma barcaça a motor, com hélice, pertencente ao "Von der Tann", na qual vinha a comandante e os oficiais da nave de guerra. Foram recebidas pelas autoridades de Gaspar e desembarcaram para demorar-se em nossa cidade por algum tempo, pois estavam com grande dianteira das embarcações vagarosas em que viriam os marinheiros. O fato de ser meu pai componente da comissão de recepção, facilitou-me ver tudo muito de perto. Os bonitos uniformes dos oficiais navais, alguns com vistosos galões dourados, com duas filas de botões de metal agradaram-me muito. Fiquei imaginando, como devia ser a vida a bordo de um grande navio de guerra, como devia ser interessante cruzar os mares, conhecer terras novas, ver gente estranha e cousas diferentes. Os oficiais eram homens amáveis, que não se cansavam em elogiar as belezas da paisagem que as terras marginais do Itajaí-Açu ofereciam. Passearam pela cidade e certamente muito se admiraram de encontrar uma freguezia da qual, provavelmente, pela primeira vez ouviram falar. Um dos oficiais levou-me pela mão e contou-me muitas coisas interessantes sôbre o navio de guerra, a vida de bordo e a viagem que fizeram. Quando eu lhe disse, que



gostaria ser marinheiro de guerra, êle olhou-me muito sério e me disse: "Me-nino, cresça, estude bastante e faça-se um homem; depois você achará o caminho para ser útil à sua terra. A vida é bela, mas também é muito dura e perigosa". Depois presenteou-me uma moedinha de prata e disse: "Guarde-a, para lembrar-se de seu amigo Friedrich". Fiquei meio encabulado, porque não compreendi bem o sentido daquelas palavras, mas também satisfeito por ter êsse homem, que veio de tão longe, afirmado ser meu amigo. Quando mais tarde soube, que o "Van der Tann" fôra afundado num combate naval na Primeira Guerra Mundial, fiquei pensando, se o meu amigo Friedrich também teria achado o seu túmulo no fundo do mar.

Depois, quando chegaram os navios que transportaram os marinheiros, todos seguiram para Blumenau, mas antes os gasparenses foram brindados com uma marcha executada pela banda de música do navio de guerra, uma banda que espantou os homens de Gaspar pelo grande número de músicos de que se compunha.

Por muito tempo o acontecimento foi comentado em Gaspar e como sempre acontece em tais ocasiões, todos tinham algo de particular para contar, sôbre cousas que teriam observado durante a curta estadia dos marinheiros em nosso pôrto e contavam-no com tantas minúcias que, para terem visto tudo o que contavam, os marinheiros deviam ter demorado em Gaspar pelo menos uma semana.

Tudo isto passou há bastante tempo, mas ficou em minha lembrança a idéia, de que o mundo lá fora devia ser bastante diferente do que era a nossa pequena região. Já adolescente, quando os jornais publicavam notícias sôbre as grandes batalhas navais, nas quais milhares de marujos perderam a vida e que nos combates em terra outros muitos milhares de homens foram mortos, fiquei compreendendo melhor as palavras de meu amigo Friedrich e também, que a vida em nossa pacífica região era bem mais agradável do que a que viviam os homens em outras terras.

---

---

## Um francês com os primeiros moradores de Itajaí

A propósito do artigo sob a epígrafe acima, de nossa última edição (Caderno n.º 9, Tomo IX, pág. 174) temos a acrescentar mais os seguintes dados constantes da ficha pertencente ao nosso arquivo: "Carlos Monsseaux. Era francês e residente em Belchior. Em 1848 já era falecido. Do seu inventário consta que possuía bens: "Um terreno no Ribeirão da Tupava (Itoupava), da parte norte do Rio Tajaí, extremado pelo leste com terras do capitão José Machado Vieira e pelo Oeste com Luiz de Moro, Duzentas braças de terras de frente e 500 de fundos na Volta do Gaspar, da parte do Norte, extremado pelo Leste com terras de Manoel José Rodrigues e pelo oeste com terras de Jacob Tais com três ranchos e um engenho. Outro terreno de 50 braças de frente no Arraial do Poço Grande.

Era casado com Albertina Misterre. Partidores no inventário: Francisco Machado Vieira e João Pedro de Azevedo Leão Coutinho." Como se vê, mais alguns e muito interessantes dados para a identificação do "francês" a que o nosso ilustrado colaborador, Prof. Henrique Zimmermann faz referências em uma das suas apreciadas "Reminiscências".



## INDÍGENAS DO VALE DO ITAJAÍ

Os estudiosos da história da colonização do Vale do Itajaí, têm, no capítulo referente aos primitivos habitantes da região, um tema muito empolgante. Um tema que, durante muitas décadas, constituiu-se num dos maiores problemas para a administração da Colônia e dos primeiros anos do Município. Autoridades e imprensa da época mantiveram acesos debates, combatendo métodos de repressão e sugerindo medidas de atração do índio à civilização. Muitos achavam que na impossibilidade dos governos conterem os constantes assaltos e roubos e assassinatos cometidos pelos índios, a medida mais aconselhável era o seu extermínio. Outros eram abertamente partidários de providências que puzessem os bugres a coberto das verdadeiras razias de que, de quando em quando, eram vítimas da parte dos colonos, e de grupos organizados de "bugreiros" que, em suas incursões periódicas às selvas itajaíenses, levavam a destruição e a morte aos acampamentos dos silvícolas.

"Der Urwaldsbote": redatoriado por Eugênio Fouquet, jornalista vigoroso, era partidário do recurso extremo, já que não se havia encontrado meios menos violentos para evitar os enormes prejuízos materiais e morais que o índio causava à colonização e ao desenvolvimento do estabelecimento fundado pelo Dr. Blumenau. O Dr. Hugo Gensch, Paulo Aldinger e muitos outros, também pela imprensa batiam-se, ardorosamente, contra as medidas da violência.

Teremos oportunidade de trazer, para êstes "Cadernos", a tradução de livros e artigos escritos a favor, ora dêste, ora de outro sistema. Hoje, vamos reproduzir: em tradução publicada em folheto, o artigo estampado pelo "Der Urwaldsbote", na edição de 9 de novembro de 1913, quando mais aceso ia o duelo jornalístico entre as duas correntes. O folheto citado é hoje muito raro e o exemplar de onde reproduzimos esta cópia, foi-nos emprestado pelo nosso bom amigo e colaborador, sr. Arthur Fouquet, um dos Diretores da Fábrica de Gazes Medicinais Cremer S/A. e a quem já devemos valiosa cooperação e constantes gentilezas. O sr. Arthur Fouquet é filho do Dr. Eugênio Fouquet, acima citado, e autor do artigo em causa.

O folheto tem por título. "Os resultados da catequese dos índios em Santa Catarina".

"Estão fazendo exatamente três anos, que se nos oferece o ensejo de observarmos os efeitos da catequese dos índios em Santa Catarina. Víamos que, durante êsse tempo, se gastava muito dinheiro inútilmente. Nem um só índio deixou-se domesticar e converter à civilização. Pelo contrário, parece como se os catequistas cuidadosamente dessem passagem a seus protegidos e evitassem tôda e qualquer ocasião de encontrar-se com êles. As poucas picadas abertas pelos pacificadores dos índios, devoravam quantias fabulosas, sendo que carece de qualquer valor prático ou científico a expedição dos senhores Abbot e Dr. Aldinger para o Morro Taió, apesar dos itinerários palavrosos publicados em alemão e português.

Ora, não podendo a catequese exhibir resultados positivos, tanto maiores são os resultados negativos que consistem em que os assaltos dos selvagens apresentam, em comparação com tempos passados, um algarismo elevado de frequência e que os índios, cientes da sua imunidade, de dia em dia se tornam mais insolentes. As dádivas que recebem, não aplacaram seu furor, mas sim os incitaram a cometer sempre novos crimes.

Se os índios, por cada homicídio, por cada roubo, recebem presentes, é claro que nisso vêem um convite para continuarem sua atividade criminosa, assim recompensada. A alegação dos diretores do Serviço de Proteção aos Índios, de serem igualmente protegidos os silvícolas e os lavradores, fica cotestada pelos fatos. O que é verdade é que os colonos, desamparados que são, nem sequer têm o direito de se defenderem a si mesmos, não se lhes dando, por exemplo, licença para estarem armados no mato, a fim de



repeir os índios que cercam a sua propriedade; pois tal procedimento poderia PROVOCAR os senhores das florestas. Aos assaltos contra os lavradores cresceram, ultimamente, as incomodações do Serviço da Comissão dos Estudos e pode-se prever que o prolongamento da linha pela serra tem de contar com bastantes dificuldades, caso que o govêrno não resolva tomar providências enérgicas que diretamente atravessem os intentos da catequese.

É inegável o fiasco da catequese e torna-se cada vez maior a indignação do povo contra os catequistas. Com exceção de poucos indivíduos que tiram proveito da proteção aos índios ou apresentam sintomas de anormalidade mental, tôda a Blumenau está convencida de que a catequese não só é inútil bem como produz maus efeitos. Os catequistas obstinam-se em alegar serem botocudos selvagens os índios que encenam os assaltos. Mas de todos os indícios resulta que são coroados meio civilizados que do Paraná vagueiam para Santa Catarina, bem sabendo que por aqui ninguém os impede de roubar e matar impunes. No inquérito policial, a que em 2 de setembro de 1912 se procedeu no Pouso Redondo, a requerimento do Superintendente de Blumenau, tôdas as testemunhas - entre elas algumas bem familiarizadas com os costumes dos índios - depuzeram unânimes terem sido coroados os matadores do gado, que lá se demoraram por quatro meses, depois contestado pelo Inspetor dos Índios, Abbot, embora êste não tivesse visto índio algum e se tivesse negado a acompanhar aqueles que o quizeram conduzir para o acampamento da horda. Também mais tarde reparou-se, em quase todos os assaltos, que os índios falavam português.

Os catequistas, portanto, procuraram dissimular os fatos, impelindo o govêrno que acredita na veracidade de seus relatórios, de tomar providências unicamente aplicáveis, isto é, pôr em prática rigorosa fiscalização dos aldeamentos dos índios no Estado do Paraná. Tal procedimento custaria menos e faria desnecessária qualquer catequese em Santa Catarina. Dêste modo, porém, é claro, os funcionários do Serviço de Proteção aos Índios perderiam os seus empregos bem remunerados. HINC ILLAE LACRIMAE!

Uma enumeração completa dos assaltos realizados pelos bugres na parte sententrional de Santa Catarina depois da instalação do Serviço de Proteção aos Índios, será a melhor pedra de toque para avaliar os sucessos ou antes os sucessos negativos da catequese.

**1910** — O prólogo da catequese foi uma velhacaria grossa que primeiro foi descoberta pelo «Der Urwaldsbote». Em 11 de novembro de 1910, no Ribeirão Liberdade, apareceu uma horda de índios que, dando-se por botocudos, contaram serem perseguidos pelos coroados. Eis aí que a catequese tinha que fazer o primeiro ensaio prático. Em 18 de novembro, chegou a Blumenau, para lançar mão do negócio, o representante do Serviço de Proteção aos Índios, o tenente Vieira da Rosa. Mas, mostrou-se em breve que os chamados botocudos eram guaranis domesticados do Paraná que o antigo bugreiro José Rodrigues, à espera de uma boa remuneração, tinha persuadido de apresentarem-se como botocudos apetitosos de civilização. Depois de descoberta a velhacaria, os comediantes vermelhos foram, a expensas da União, de novo transportados para o Paraná, e todo o mundo riu-se do malogro da catequese.

Era um início prometedo. Seguia-se então o desenrolamento das cousas porém sob aspectos muito menos inocentes.



Em 14 de dezembro, os bugres mataram na Hansa o lavrador Pletz, ao derrubar mato, saquearam, no mesmo dia, a casa do lavrador Duesterhöft. O tenente Rosa procurou, alterando a verdade, desresponsabilizar os seus protegidos dêsse crime, mas sem resultado.

**1911** — Em 4 de fevereiro os bugres assaltaram a casa do lavrador Adam Pannoch, Pinheiros, durante a ausência dêle. Mataram sua mulher de 26 anos de idade e duas criancinhas, praticando ferimentos graves em uma terceira criança e saqueando a casa.

Em 9 de abril foi assaltada uma tropa que, transportando erva mate, chegou a Santa Maria, ficando ferido um dos tropeiros e uma mula.

Em 15 de abril teve lugar um assalto ao acampamento do inspetor dos índios, Tenente Rosa, matando os bugres uma mula e roubando ter numerosos objetos de valor. Em seu relatório o tenente Rosa declarou não mandado, EM HONRA A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA atirar nos ESTÍMÁVEIS PATRÍCIOS.

Em 10 de maio, na Hansa Joinvillense, foi ferido por uma flechada o trabalhador Lourenço, que morreu do ferimento. Foi saqueada a casa do lavrador Pietsch.

Em 14 de maio os bugres apareceram no Garibaldi, em um dos fundo do Jaraguá, onde mataram todos os animais e aves domésticas do lavrador Burger.

Em 9 de setembro, na Hansa, assaltaram e feriram o lavrador Dörlitz que estava trabalhando no mato.

Em 3 de novembro, os bugres saquearam a casa do colono Schuhmann no Ribeirão dos Russos. No mesmo dia mataram algumas rezes em Ipiranga, fundo separado do Ribeirão dos Russos por uma pequena divisão de águas. Nos meados de novembro, segundo notícia publicada pelo "Volkzeitung", de São Bento, alguns fazendeiros perto de Butiá foram visitados pelos bugres que lá mataram numerosos animais e incineraram alguns ranhos.

**1912** — Em 4 de janeiro os bugres apareceram nas imediações do "Spitzkopf", no Ribeirão Caeté, a 3 horas de distância desta cidade, e atiraram cacetes e pedras nos lenhadores que lá estavam trabalhando. As incomodações duraram algumas semanas. O Superintendente e o Juiz de Direito deram parte ao Govêrno.

Nos primeiros dias de maio, conforme relata o jornal "O Catariense" de São Bento, os bugres mataram, na circunvizinhança de Rio Prêto numerosos animais pertencentes aos fazendeiros Cláudio Ribas, Machado Pereira e a família Souza, ficando dois brasileiros feridos por flechadas.

Em 1º. de junho, os bugres saíram do mato no Pouso Redondo, onde se deixaram ficar quatro meses completos, e destruíram quase tôda a criação dos moradores. que requereram instantemente a intervenção do govêrno, mas sem resultado algum. O Inspetor dos Índios, Abbot, sucessor do Tenente Rosa, e que nos últimos dias de agosto se dirigiu ao Pouso Redondo, lançou na cara daqueles homens a injúria insolente de matarem, por motivos de inimizade pessoal, um os animais do outro, sendo inocentados os índios. Quando o queriam acompanhar para dentro do mato, a fim de que pudesse ver os índios, negou-se êle a ir. Em um inquérito policial, a que



em 2 do setembro se procedeu no Pouso Redondo, constatou-se que os bugres, em 3 meses, mataram 28 cavalos, 48 rezes, e 45 porcos. Em setembro, ainda mataram 7 rezes, 5 ovelhas e alguns porcos, devastando mesmo os milharais.

Em 2 de julho, na Subida, os bugres atacaram de noite a casa de Norberto Sabel, obrigando-o a fugir com sua família.

Nos primeiros dias de dezembro mataram 70 animais de propriedade de Francisco Pires e seus vizinhos, município de Campos Novos, e 50 animais pertencentes ao fazendeiro Sebastião Alves, residente no Campo Pires, Município de Curitibaos.

**1913** — Em 18 de fevereiro, comunicaram do Pouso Redondo que os índios outra vez pegaram em armas. Em 26 de fevereiro, apareceram no Rio do Oeste e feriram o lavrador Júlio Almeida.

Em 4 de abril repeliram a turma do Capitão Euclides de Castro, de Pombas e saquearam o acampamento.

Em 20 de abril, na Serra do Pires, assaltaram uma tropa, feriram um homem e mataram alguns animais. Em 27 de abril assaltaram outra tropa. No Pinhalzinho, por êsse tempo, houve repetidas matanças de gado.

Nos primeiros dias de maio, no Mosquitinho, os bugres assaltaram a casa do calono Giacono Finardi. Um dos selvagens procurou roubar uma criança, largando-a quando a mãe o ameaçou com a pistola na mão. Em 8 de maio, assaltaram a casa do lavrador Cenzi que, ferido por uma flechada no antebraço esquerdo, atirou num dos bugres em sua defesa.

Em 26 de junho o trabalhador Juvêncio do Amaral, Ribeirão Areia, Município de Brusque, recebeu um flechada no peito e morreu poucos dias depois. Em 14 de julho assassinaram, no Mosquito, a José Moser com uma flechada e mataram 38 bois da propriedade do Sr. Francisco Reuter.

Nos meados de julho, os bugres incomodaram os trabalhadores empregados na construção da Estrada Garcia Alto-Encano. Em 10 de agosto mataram na Hansa o trabalhador Horak, empregado da Comissão dos índios. Pouco depois os bugres incineraram um rancho, em que os catequistas tinham depositado as dádivas. Em 8 de outubro, mataram em Pouso Redondo 11 cavalos e burros pertencentes ao Sr. Augusto Peters.

Em 14 de outubro, os bugres assaltaram no Rio do Oeste a casa do lavrador Felix Leite, incinerando-a e ferindo um filho do assaltado por uma flechada no pescoço. Na noite de 21 para 22 de outubro, os bugres empreenderam um assalto ao acampamento do chefe seccional Dr. Miranda, da Comissão de Estudos da E, de F. S. Catarina, mas foram repelidos por vivo fogo de espingardas.

Desta relação, mais ou menos completa, resulta que os bugres justamente durante o último ano se punham em viva atividade. A catequese, portanto, não estava em condições de civilisas os índios nem de diminuir os assaltos, por cujo aumento numérico ela é a única responsável.

No prazo de três anos foram assassinadas 8 pessoas, entre as



quais uma mulher e duas crianças e feridas 9, ao passo que êles apenas perderam um homem. Mataram cêrca de 600 a 700 animais, em parte por pura sêde de sangue. Saquearam 7 casas, das quais algumas incineraram. Duas vêzes até assaltaram e saquearam o acampamento de seus protetores. Pode-se avaliar o prejuízo total por cem (100) contos. Ainda acresce que os lavradores localizados nas regiões infestadas se viram, às vêzes, durante meses, impedidos de cultivar as suas roças, não se fazendo menção do medo e da inquietação que tinham que sofrer constantemente.

Eis o ajuste de contas dos três anos de atividade da catequese em Santa Catarina. Todos estarão de acôrdo conosco que disso ninguém se pode pavonear. Está palpável o mais completo fiasco, e o govêrno bem fará em tomar outro rumo para domesticar e civilizar os índios. Êsses resultados da catequese apenas podem comprometer a boa fama do país e diminuir a imigração

---

## O RIO E A PESCA

Celso LIBERATO

Êste nosso Itajaí-Açu, entremeadado de sêcas e enchentes; êste rio dos taitãs, de dormentes remansos e desaladas correntezas; êste rio histórico por onde subiram o Dr. Blumenau e seus companheiros para a aventura da Colonização; êste rio pioneiro do progresso do Vale; êste rio da piróga do índio e dos vapores de rodas; êste rio de muitos risos e de muitas lágrimas; êste "nosso rio sagrado" de Marcos Kender; êste rio coletor de outros rios e regatos e ribeirões, sempre foi um grande e sortido viveiro de peixes.

A contar dos pequenos e esquisitos jundiás, cascudos e mandís, até os chamados "peixes de primeira", como a pescada, o robalo e outros. Além, dos mais miúdos e dos mais graúdos.

**Pari passu** com a piscosidade às vêzes bíblica do rio, foram surgindo os mais diversos e engenhosos processos de pesca. É a rêde; é a tarafa; é o caniço; é o espinhél. E ainda a linha, o côvo, o curral de peixes, o arpão, a carretilha e tantos outros.

Nas frias noites de maio e junho, ali pelas cercanias da Fábrica de Papel Itajaí, fica-se encantado com a procissão luminosa que sobe e desce o rio. São pescadores que em canoas e bateiras providas de luzes, praticam a chamada "pesca do facho". Enquanto um dêles rema e dirige a pequena embarcação, outro, armado de fiska de ferro olha o fundo do rio, clareado pelo facho.

Deslumbradas pela súbita projeção da luz, as tainhas que nessa época vêm do mar para o rio, ficam completamente imóveis, como que à espera do golpe fatal.

Vai a pesca pela noite a dentro e só alta madrugada, no apagar das primeiras estrêlas, recolhem as embarcações com rendosa safra de gordas e ovadas tainhas.

E como os arpoadores do Itajaí-Açu não dão quartel aos peixes, a cada noite se renova, mais acesso e belo, o préstito pesqueiro.

É êste, paradoxalmente, o mais romântico e ao mesmo tempo o mais bárbaro processo de pesca ribeirinha.



# AMOR AOS ANIMAIS

Na edição de julho deste mensário (n.º 7 pag. 154) fizemos longas e minuciosas referências à vida de Edite Gaertner, sobrinha do Dr. Blumenau, falecida há pouco mais de um ano, nesta cidade.

Dissemos do seu amor pelos animais. Tinha, por êles, verdadeiro afeto e, sinceramente, se compadecia dos seus sofrimentos.

Êste episódio bem caracteriza os sentimentos de D. Edite, em relação aos animais:

Em 1935, ainda funcionava nesta cidade uma Inspeção do Serviço de Defesa Sanitária Animal, que posteriormente mudou sua sede para São José, próximo a Florianópolis. Essa Inspeção servia-se de velhos cavalos, já imprestáveis para o serviço, com a finalidade de inoculá-los com os vírus de diferentes moléstias contagiosas e, assim, preparar soros e vacinas preventivas. Os animais destinados a êsse fim, tanto antes, como depois de inoculados, ficavam em um pequeno cercado próximo á cidade, a céu aberto, sujeitos a tôdas as intempéries, ao sol causticante, às chuvas e às geadas.

Dona Edite, cuja residência ficava próxima ao local dos serviços de inoculação, compadecia-se dos pobres animais que, prestando serviços à humanidade, a custo dos seus sofrimentos e da própria vida, eram sujeitos a maus tratos. Resolveu, então, mandar construir um rancho em que os animais ficassem ao abrigo do tempo. Não estando em condições financeiras de arcar, sozinha, com as despesas de construção, abriu uma lista de subscrições, procurando amigos e conhecidos para assiná-la. Ela assinou a quantia de 100\$000. Outro tanto deu Oto Rohkohl. A Companhia Hering, como sempre, triplicou a quantia. Outras pessoas deram 50\$000, outras 5\$, o fato é que em pouco tempo, reuniu a quantia necessária. O cabeçalho da lista de subscrição dizia o seguinte, com a letra da própria D. Edite: "Quem ajuda! Os cavalos que são usados para a fabricação de vacinas da Estação Veterinária, em virtude desta não possuir as verbas necessárias, estão em estado miserável, sofrendo com as intempéries. São animais velhos, que passaram longos anos em trabalhos dedicados e leais. Quais os blumenauenses, que têm amor aos animais que querem ajudar essas pobres criaturas sofredoras no súltimos e tristes dias da sua vida, aliviando-lhes o seu cruel destino?"

O rancho foi construído e, em 11 de julho de 1935, o Dr. Octacílio Camará Martins, Inspetor Veterinário, oficiou à Dona Edite nos seguintes têrmos: "É com o máximo prazer que, em nome do meu Ministro e do meu próprio, venho agradecer o vosso nobre gesto, condoendo-se da sorte dos animais sacrificados pela ciência, de mandar construir em terreno que não vos é próprio, um abrigo para os animais expostos ao rigor do tempo.

Êste serviço espera que, mesmo mudando-se para São José, merecer no mesmo sentido o vosso caridoso apoio, estando eu às vossas ordens. Atenciosas saudações".



# "VIA CRUCIS" DE IMIGRANTES

No número 12, do Tomo VII desta revista, demos publicidade a interessante memória do colono Matias Schmitz que, em 1846, emigrou, com a família, para o Brasil, tendo, até que chegasse ao destino, que era a Colônia Santa Isabel, neste Estado, passado por tôda sorte de necessidades e de aborrecimentos. Êle, com um grupo de mais de cem compatriotas, depois de uma viagem acidentada, sofrendo até fome a bordo, pela ganância e sovínice do comandante e do contratante, chegou a Niteroi e ali permaneceu com os companheiros, ao abandono, tendo até mesmo que recorrer à caridade pública para não perecer à mingua, até que, por intervenção do Dr. Blumenau, foi enviado para àquela Colônia.

Vamos, a seguir, transcrever dois documentos que são mais um comprovante da maneira desumana como eram tratados, por parte de alguns empresários, os alemães que vinham destinados ao Brasil, antes da fundação de Blumenau. Sim, porque, depois desta, o próprio Dr. Blumenau, pela severa vigilância que exercia, contribuiu para uma radical mudança dos métodos que os contratantes punham em prática no aliciamento de colonos para o Brasil.

Os colonos a que os documentos se referem, ficaram, em grande parte, no Estado do Rio, tendo, entretanto, alguns vindo para Santa Catarina.

Eis os documentos:

"Ilmo. e Exmo. Sr."

Sua Majestade o Imperador, manda remeter a V. Excia. (ao Vice-Presidente da Província do Rio de Janeiro) a representação em original dos calonos alemães, vindos no navio «Marie», Capitão Chastell, com a tradução a que se procedeu a fim de que, tomando V. Excia. na consideração que merecer, dê as providências que julgar convenientes, sôbre que êles representam. Deus guarde a V. Excia. Palácio do Rio de Janeiro, em 16 de agôsto de 1845 (Ass.) José Carlos de Almeida Tôrres".

## REPRESENTAÇÃO: —

Ao louvabilíssimo Govêrno Imperial da Província de Rio de Janeiro:

Os obedientíssimos, abaixo assinados, pobres imigrantes alemães, que arriscaram e deram o grave passo de deixar sua pátria alemã, para estabelecer-se no Brasil, e entregar-se à proteção de poderosíssimo Imperador Dom Pedro II e respectivamente do seu fiél e louvabilíssimo Govêrno Provincial, permitem-se humildemente, aconselhados pelo Capitão de seu navio, o sr. Chastell, apresentar a seguinte queixa:

Como é sabido, o Govêrno Imperial desta Província contratou com a casa Charles Delrue & Companhia de Dumquerque, pagar-lhe, por cada pessoa, de 15 a 40 anos 245 francos; de 5 a 15 anos 122 e meio francos e nada para as crianças menores de 5 anos: além dessas quantias, a casa Delrue nada mais receberia; e nós deveremos reembolsar estas importâncias ao Govêrno Provincial, com o suor do nosso rosto

Delrue, porém, não satisfeito ainda com êste arranjo, e pondo nenhum limite à sua cobiça, soube conseguir, também, conosco uma quantia, por cada pessoa, de 15 a 40 anos 80 francos; de 5 a 15 anos 40 francos! e pelas crianças menores de 5 anos 10 francos. E isso de maneira tão escan-



dalosa, que não podemos abster-nos de relatar essas extorsões, ao Govêrno Imperial.

Em Colônia, onde os sequazes de Delrue estavam agindo, extorquiram de nós as mencionadas quantias, a título de cauções, mediante recibos, com a promessa de que as mesmas importâncias nos seriam restituídas pelo Govêrno Imperial, ou pelo menos haveríamos de ser indenizados, por outra maneira.

Tal pagamento, apesar da resistência da maioria dos imigrantes, de fato, teve que ser efetuado. Eram Dumquerque, na casa Delrue, de alguns que se encontravam inteiramente sem meios, com ameaças, extorquiram documentos de confissões de dívidas, e a outros arrancaram os recibos passados, a pretexto de anexá-las aos outros documentos, e assim apresentá-los ao Govêrno Imperial Brasileiro. Todos nós duvidamos que isso aconteça, e estamos firmemente persuadidos que a casa Delrue cometeu conosco uma grande fraude.

E, ainda não contente com estas extorsões, contratou a referida casa conosco, acêrca das provisões que deveriam ser fornecidas para nossa viagem de Dumquerque ao Rio de Janeiro, obrigando-se a prover e fazer entregar-nos a bordo, os seguintes mantimentos: boa carne de vaca e de porco, boa bolacha, legumes sêcos, diàriamente um quarto da medida de cerveja, duas vêzes por semana bebidas espirituosas, e nos domingos um quarto de medida de vinho por pessoa, e para cada cama um bom colchão de palha e travesseiro.

Mas, de tudo isso, nada foi fornecido na forma estipulada. A casa Delrue, após obter astuciosamente os citados recibos, mandou-nos levar para bordo e partir no navio "Marie".

É compreensível que, no primeiro tempo, em que reinava entre os imigrantes enjôo de mar, os comestíveis fôsem distribuídos, com alguma escassez, esperamos, porém, que no futuro nosso tratamento haveria de melhorar, no que fomos cruelmente enganados.

Passada a doença estando com fome todos os imigrantes, não apareceram os mantimentos estipulados; em vez disso deu-se a cada um apenas uma bolacha, diàriamente, e até esta em putrefação e cheia de vermes, e que faria adoecer mesmo ao mais robusto.

De manhã, pelas 11 horas, distribuiu-se a cada um, uma concha de sopa com caldo ralo, por assim dizer de água e pura, e da mesma maneira à tarde, pelas 5 horas, uma dita concha com sopa de ervilhas ou feijão, preparado de tal maneira, que para 7 ou 8 barris de água podre, calculou-se três quartos a um balde de feijão e ervilhas misturadas. De batatas, recebemos ao todo 4 ou 5 cêstos, e entre elas estavam ao menos um têrço em putrefação.

Em lugar de recebermos, diàriamente, uma regular porção de boa carne, forneceu-se, por cabeça, num dia um garfo de cozinha com peixe podre e fétido, e no outro dia 60 a 70 gramas de carne, por pessoa.

Em vez de fornecer-nos, diàriamente um quarto da medida de cerveja, deram-nos apenas, duas vezes por semana, um quarto de litro; e bebidas espirituosas não recebemos se não, nos 3 ou 4 últimos dias, antes da chegada a razão de um oitavo de litro.

O vinho prometido não chegamos a provar. Nem tôdas as camas



foram providas de travesseiros.

Dessa maneira, carecemos quase de tudo, e passamos amarga fome e sede, com que aflitos, à noite nos deitávamos, e de manhã nos levantávamos.

Nosso Capitão, várias vezes, interrogado a respeito, assegurou-nos não haver recebido mais mantimentos de Delrue, e que tínhamos sido enganados por êle e seus sequazes, na maneira mais escandalosa.

Mais tarde, porém, houve um pequeno aumento de bolacha, de forma que se deu uma e meia por cabeça, e nos últimos 6 dias duas, por pessoa.

A maior parte dos imigrantes, que havia trazido de casa pequena provisão de mantimentos, viu-se obrigada a consumi-la ou partilhá-la com seus companheiros famintos, a fim de matar a roedora fome.

Chegados, finalmente às praias do Brasil, sem mantimentos e dinheiro, até destituídos de tudo, nós, pobres imigrantes vemo-nos obrigados a reconhecer, como é evidente, que fomos escandalosamente enganados por Delrue.

Por isso, de joelhos, suplicamos, como súbditos fiéis e obedientes, de agora em diante do nosso benigníssimo monarca e soberano, respectivamente do seu fiel Governó Imperial da Província, que de forma alguma reconhecerá e aprovará tal tratamento como justo e razoável em seres humanos, que se digne conceder-nos a augusta graça e proteção, na defesa dos nossos direitos, tomando benignamente as medidas convenientes, em vista das violências e extorsões praticadas em nossas pessoas pelo referido Delrue a fim de que nos sejam restituídas as quantias, injustamente extorquidas, e sejamos indenizados, a custas do mesmo Delrue, pelos sofrimentos que durante 73 dias padecemos, nas ondas do mar.

Na almejada esperança que a nossa humilde supplica receba o beneplácito do nosso fiel Governó Imperial da Província, permanecemos no mais profundo respeito e humildade, como muito submissos e fiéis súbditos, servos do Governó Imperial da Província.

Redigido no pôrto do Rio de Janeiro, em 22 de julho de 1845.

(a. a.) *Augusto Mebus - Jacoby - Lanius - Bauer - H. Auler - Link - Bender - José Hehn - Paulo Hehn - G. Schaefer - João Pedro Carl - F. G. Schaefer - Eduardo Mebus - Francisco José Sieben - A. Kremer - N. Fresch - Auler - J. Kremer - Carlos Dort - Kremer - Thomas - Wagner - P. Hoffmann - Retz - Teodoro Eppinghaus - Vogt - Reitz - Neumann - Luebe - Hoffmann - Karl - Moebus - Wiechers - Becker - Hoelz - Schauss - Nienhaus - Nicodemos - Henrique Plenz - Jorge Palm - Jacó Gaspar - Herrmann Schmaenk - M. Dupont.*

---

A seis de outubro de 1873, o Comandante da canhoneira da Marinha de Guerra Alemã, "Albatroz" faz uma visita à Colônia Blumenau e ao seu diretor, regressando no dia seguinte a Itajaí, em cujo pôrto o barco estava ancorado.



**"A NOSSA TRADIÇÃO VALE  
POR UM BOM NEGÓCIO"**

SERVIMOS HA 35 ANOS  
CALÇANDO BLUMENAU

**CALÇADOS?**

Pense  
no  
LORGUS

**Rua 15 de Novembro, 383**

**E. KIECKBUSCH**

SECOS E MOLHADOS  
E FERRAGENS

—xxx—

Rua 15 de Novembro, 351

Caixa Postal, 85

**BLUMENAU - Santa Catarina**

**Carimbos de Borracha REAL Ltda.**

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Datadores

Numeradores

Carimbos em geral

**TINTAS E ALMOFADAS**

Rua 15 de Novembro, 1306

**BLUMENAU - SANTA CATARINA**



FÁBRICA DE GAZES  
MEDICINAIS  
**CREMER S. A.**

Blumenau - Rua Iguassú, 291/362 - Santa Catarina  
Caixa Postal, 80 - Fone, 1332

Gazes e Ataduras Medicinais

Ataduras Gessadas

Algodão Hidrófilo

Fraldas para Bebês

Faixas Higiênica para Senhoras

Artigos de primeira Qualidade